



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Fall Collection

AUTOR

Rui Pina Coelho

ANO

2013

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Rui Pina Coelho

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Fall Collection

AUTOR

Rui Pina Coelho

ANO

2013

2015 Coimbra



Rui Pina Coelho

1975. Doutorado em Estudos Artísticos - Especialidade em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é também docente na Escola Superior de Teatro e Cinema, desde o ano lectivo de 2006/2007, e Investigador Integrado no CET - Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa. Dirige (com Carlos Alberto Machado) a colecção de teatro *Azulcobalto* da editora Companhia das Ilhas. É autor de *Nina* (Trimagisto / Palco Oriental, 2004), *Júlia Borboleta e o Pau-brasil* (SOIR, 2006), *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho* (Trimagisto, 2009), *O velho sedentário e o jovem aventureiro* (Teatro O Bando, 2010), *Begginning* (Teatro o Bando/Emergency Exits Arts/Oulu City Theatre, 2011, com Arjunan Manuelpillai e Jukka Heinänen), *Já passaram quantos anos, perguntou ele* (TEP, 2011), *Um espectáculo para os meus compatriotas* (Negócio ZDB, 2012), *Constantin Gavrilovitch acaba de se matar* (Projecto Ruínas, 2013), *Ainda assim* (LAMA, 2014) e *Nós somos os Rolling Stones* (TEP, 2014). Colaborou na adaptação do romance *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares (Teatro O Bando, 2007), da novela jornalística *A Grande catástrofe* do Teatro Baquet (Baquet, Trimagisto, 2012) e adaptou o romance *Os negócios do senhor Júlio César*, de Bertolt Brecht (TEP, 2013). Traduziu (com Ana Raquel Fernandes) *A morte de um caixeiro-viajante* e *Do alto da ponte*, de Arthur Miller (TEP), e *Vitória*, de Athol Fugard (Teatro dos Aloés). Como dramaturgista ou tradutor tem colaborado com Trimagisto - Cooperativa de Experimentação Teatral, Teatro o Bando, TEUC e Teatro dos Aloés. Desde 2010, colabora regularmente com o TEP - Teatro Experimental do Porto, enquanto dramaturgo e dramaturgista, dando apoio à direcção artística do encenador Gonçalo Amorim.

Um quarto. Uma cama de casal. De ambos os lados, mesas-de-cabeceira cheias de livros. Romances, revistas e livros de filosofia de arte. Também, na cabeceira da esquerda, com ar de estarem a ser avidamente lidos e sublinhados, vários livros de auto-ajuda. Ao centro, um espelho grande. Junto do espelho, um pequeno sofá. De um lado, roupa de mulher - um elegante fato. Do outro, um amontoado de roupa: jeans, tshirts, camisas. Junto do sofá uma pasta.

*Um **HOMEM**, defronte do espelho, prepara-se para sair de casa. Está de cuecas. A **MULHER**, que está na casa de banho, fala alto para se poder ouvir.*

O **HOMEM** olha para o relógio. Veste uma camisa, sem a abotoar.

HOMEM

Passei pelo jardim, ontem.

Ninguém.

O dia estava mesmo...

Sentei-me num banco e deixei-me ali ficar.

...um calor...

Ao tempo que não me deitava num banco de jardim.

O vento nas folhas.

O sol na cara.

Não se ouve nada.

Só os pássaros.

Ao tempo que não me deitava...

Olha para o relógio.

Não. Esta não. Despe a camisa. Veste umas calças. Olha para o espelho. A roupa vai ficando espalhada pelo chão do quarto.

Era só o que me faltava. Estou a ficar com barriga.

MULHER *(da casa de banho)*

Ouve lá, tens que lá estar a que horas?

HOMEM

Está tudo bem. Ainda tenho tempo. *Apalpa a barriga.* Devíamos voltar a correr - ao fim de semana. Com o Jaime e a Alice.

MULHER *(da casa de banho, rindo)*

"Tá bem. Foste uma vez e passaste dois dias a queixar-te. Eu tenho ido correr. Tu é que ficas sempre a dormir.

HOMEM

Tens?

MULHER *(da casa de banho)*

Só te preocupas com as tuas coisas. Não reparas em nada. A minha mãe é que...enfim.

—

HOMEM

...

Apalpando a barriga. Era só o que me faltava. *Muda de calças - estão apertadas.* Viste as minhas calças azuis escuras?

MULHER *(da casa de banho)*

...

HOMEM

Estão aqui. Veste-as. Veste uma camisa e abotoa. Põe um cinto. Olha para o relógio. Olha para o espelho, sem expressão. Despe a camisa. Vai buscar outra. Veste-a. Despe as calças e a camisa. Salta em frente ao espelho, de cuecas. Agarra a barriga. A roupa vai ficando espalhada pelo chão do quarto.

MULHER *(da casa de banho)*

O que é que estás fazer? Que horas são?

HOMEM *continua a saltar em frente do espelho.*

HOMEM *(a saltar)*

Ontem telefonei à Patrícia.

MULHER *(da casa de banho)*

Da faculdade?

HOMEM

Sim.

MULHER *(da casa de banho)*

E então?

HOMEM

Foi fixe. Separou-se. Tem duas filhas.

MULHER *(da casa de banho)*

...

Ai sim? E vais beber um cafezinho com ela?

HOMEM

Não. Quer dizer. *Pára de saltar.* Fiquei de lhe ligar. Para combinarmos qualquer coisa. Um dia destes. Também queres vir? Ela manda-te beijinhos.

MULHER *(da casa de banho)*

...

HOMEM

Mas ela diz que do curso há montes de gente que também está assim. O Tó, a Teresa, a Margarida - lembras-te da Margarida?

Volta a saltar.

MULHER *(da casa de banho)*

Sim. Lembro-me da Margarida. E quando é que combinaste tomar café com a Patrícia?

HOMEM *(a saltar)*

Não combinei nada. Estou só a dizer que há mais gente assim.

MULHER *(da casa de banho)*

Sim.

HOMEM *(a saltar)*

As coisas estão uma merda. E não é só na nossa área. Quer dizer, tu agora estás bem mas.

MULHER *(da casa de banho)*

Está bem. Mas depois diz-me - *(irónica)* Também gostava de ver a Patrícia - o que é que estás a fazer?

HOMEM *(a saltar)*

Estou a ver se o sangue volta a circular. Sinto-me morto. Se obrigar o sangue a circular, a vida volta, acho. *Pára de saltar.*

Foi bom, ontem, falar com a Patrícia.

Tem duas filhas.

MULHER *(da casa de banho)*

Não comeces.

HOMEM

Sim. *Volta a vestir as calças - uns jeans. E uma outra camisa.* Humm. Se calhar vou assim.

MULHER *(da casa de banho)*

Não penses em ir de calças de ganga.

HOMEM

Mas estas -

MULHER *(da casa de banho)*

Não penses em ir de calças de ganga!

HOMEM

Pronto. *Despe os jeans. Está de cuecas e de camisa.*

MULHER *(da casa de banho)*

Estás preparado?

HOMEM

Preparado?

MULHER *(da casa de banho)*

"Porque é que o deveríamos contratar?"

HOMEM

Oh, eh pá!

MULHER *(da casa de banho)*

"O que é que já o desapontou antes num emprego?"

HOMEM

Pára. Não quero ir condicionado com respostas. Quero ser espontâneo.

MULHER *(da casa de banho)*

Sabes onde é que a espontaneidade é boa?

HOMEM

Na cama?

MULHER *(da casa de banho)*

Vai para lá ser engraçadinho, vai...

HOMEM, *veste umas calças.*

Está bem. Mais. Atira.

MULHER *(da casa de banho)*

"Descreva o seu "emprego de sonho"."

HOMEM

De horário flexível e com boas - sabias que na Noruega o horário de trabalho começa no momento em que apanhas o comboio para ires para o trabalho.

MULHER *(da casa de banho)*

Que horas são? A que horas é a entrevista?

HOMEM *(olha para o relógio)*

Tenho que me despachar.

Abotoa as calças e compõe a camisa. Despe a camisa e veste outra. Volta com três gravatas na mão.

MULHER *(da casa de banho)*

"Porque pensa que se adaptará bem a este emprego?"

"O que procura num trabalho?"

"Com que tipo de pessoa recusaria trabalhar?"

HOMEM

Onde é que foste buscar essas perguntas?

MULHER (da casa de banho)
À internet.

HOMEM

Ah. Achas que me vão perguntar coisas dessas? Eu acho que eles tiram a pinta dum gajo e pronto. Querem lá saber. Quanto muito perguntam-me se eu não me importo de ser fodido todos os dias e de ganhar uma merda.

Ouve-se o autoclismo.

A **MULHER** aparece. De roupa interior e com um smartphone na mão. Senta-se na cama. Em silêncio.

MULHER (da casa de banho)

Vai correr tudo bem. *Olha para ele por uns segundos. Olha para o relógio, numa das mesas-de-cabeceira. (Assustada)* Já viste as horas?! Tenho que sair, caraças. *Vestese num instante. Saia e casaco. Beija-o displicentemente. Adeus, querido, boa sorte. Pára. Volta atrás. Olha-o nos olhos.* Boa sorte, querido. Depois liga-me a contar como correu. *Sai, apressada.*

O **HOMEM** permanece em silêncio, com as três gravatas na mão. Começa de novo a saltar em frente do espelho. *Pára de saltar.*

Volta a despir-se. Fica de cuecas. Abre o guarda-fato e veste um fato: calças, camisa, casaco e gravata.

Despe o fato e veste outro. Dirige-se ao espelho como numa passerelle.

Despe o fato e veste outro. Dirige-se ao espelho como numa passerelle.

Despe o fato. Fica de cuecas. Silêncio prolongado. Olha fixamente para o seu reflexo. A roupa está espalhada pelo chão do quarto.

HOMEM (a saltar)

Sinto-me morto. Se obrigar o sangue a circular, a vida volta, acho.

Sou o homem sem sangue.

O vampiro. Todos têm que me alegrar. Sugo a alegria de todos. Sou o homem sem sangue. O homem do olhar desfocado. Sou a água que se vai abater sobre vós, sou o diabo que vos vai expulsar do templo, o anti-capital. Sou o devorador de capital. Sou o vosso pesadelo. Sou os vossos pecados. Vou encontrar-me numa praça com outros como eu e vamos ficar ali até que vocês morram. Desta vez não vamos queimar carros nem partir montras. Vamos só ficar à espera – porque sem nós não há nada. Não vamos a lado nenhum. Vamos comer sandes de manteiga e sumos de laranja e não vamos a lado nenhum. Não vamos aparecer nos escritórios. Não vamos aparecer nas fábricas. Não vamos aparecer nas escolas. Não vamos aparecer nas oficinas. Não vamos aparecer nos estaleiros. Não vamos aparecer nos mercados. Não vamos aparecer na televisão. Não vamos aparecer em lado nenhum. Vamos ficar à espera

que morram. Porque sem nós não há nada. Somos a ameaça preguiçosa. Não vamos esmagar-vos os crânios nem cortar-vos a cabeça. Vamos esperar. Que isto expluda. Vamos para o sol e vamos esperar que isto caia tudo de podre. Vamos fazer uma birra. Temos tempo. A luta ainda mal começou. Temos tempo. Sou o operário da espera. O caixa de supermercado do desespero. O funcionário do descontentamento. Não vos vou arrancar os olhos. Não vos vou pedir esmola. Não vos vou arrancar os olhos! Vou esperar. E cair em cima de vós como um martelo. Quando menos esperarem, vou esmagar-vos. Comer-vos. Sugar-vos o sangue. Tenho tempo. A luta ainda mal começou. Vou saltar até vos enfiar num buraco. E desaparecerem.

Já sinto o sangue nas veias.

*O **HOMEM** continua a saltar em silêncio.*

Fim.



centro de
dramaturgia
contemporânea